

ONISCIENTE E A DIALÉTICA ENTRE *LOGOS* E *PATHOS*: UMA ANÁLISE ESTÉTICA E NARRATIVA NO EPISÓDIO PILOTO

Caroline Fogaça¹

Resumo: Este artigo analisa o episódio piloto da série brasileira *Onisciente* (2020), explorando a relação entre *logos* (razão) e *pathos* (emoção) na narrativa e na estética audiovisual. Ambientada em um futuro distópico, a série apresenta uma sociedade monitorada por drones que registram as ações de todos os cidadãos, com a promessa de um sistema infalível de vigilância. O enredo principal acompanha Nina, uma funcionária de tecnologia que desafia o sistema após o assassinato de seu pai, uma falha que expõe os limites da razão tecnológica. A análise foca na direção de fotografia, que utiliza paletas de cores frias, planos aéreos e enquadramentos simétricos para destacar a racionalidade e o controle inerentes ao sistema. Ao mesmo tempo, espaços privados e momentos de luto da protagonista oferecem contrastes emocionais que ampliam a tensão narrativa. Este estudo também discute os dilemas éticos, morais e políticos explorados pela série, como a relação entre segurança, liberdade e autonomia individual. Articulando elementos narrativos e estéticos, o episódio piloto de *Onisciente* tensiona emoção e razão ao questionar os limites do controle tecnológico e as implicações humanas de sua falibilidade. Por fim, o artigo reflete sobre como a série contribui para debates contemporâneos no gênero de ficção científica, conectando estética e recepção em um contexto sociocultural latino-americano.

Palavras-chave: Tecnologia e vigilância; Estética audiovisual; *Logos* e *pathos*; Ficção científica; Direção de fotografia.

OMNISCIENT AND THE DIALECTIC BETWEEN *LOGOS* AND *PATHOS*: AN AESTHETIC AND NARRATIVE ANALYSIS IN THE PILOT EPISODE

Abstract: This article analyzes the pilot episode of the Brazilian series *Onisciente* (2020), exploring the relationship between *logos* (reason) and *pathos* (emotion) in the narrative and audiovisual aesthetics. Set in a dystopian future, the series presents a society monitored by drones that record the actions of all citizens, with the promise of an infallible surveillance system. The main plot follows Nina, a technology employee who challenges the system after the murder of her father, a failure that exposes the limits of technological reason. The analysis focuses on the cinematography, which uses cold color palettes, aerial shots, and symmetrical framing to highlight the rationality and control inherent in the system. At the same time, the protagonist's private spaces and moments of mourning offer emotional contrasts that amplify the narrative tension. This study also discusses the ethical, moral and political dilemmas explored by the series, such as the relationship between security, freedom, and individual

¹ Doutoranda e Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo – Escola Superior de Propaganda e Marketing com bolsa integral PROSUP-CAPES; Especialista em Semiótica Psicanalítica Clínica da Cultura na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Professora Colaboradora na Pós-Graduação em Negócios e Marketing Digital para Moda e Beleza – Escola Superior de Propaganda e Marketing. carol.fbarbosa@gmail.com; <https://orcid.org/0009-0004-5280-7081>

autonomy. By articulating narrative and aesthetic elements, the pilot episode of *Omniscient* tensions emotion and reason by questioning the limits of technological control and the human implications of its fallibility. Finally, the article reflects on how the series contributes to contemporary debates in the science fiction genre, connecting aesthetics and reception in a Latin American sociocultural context.

Keywords: Technology and surveillance; Audiovisual aesthetics; *Logos* and *pathos*; Science fiction; Cinematography.

Introdução

As transformações tecnológicas recentes têm redefinido a comunicação, a interação social e a forma como narrativas audiovisuais articulam dialeticamente a relação entre razão e emoção. A ficção científica, ao especular sobre futuros possíveis, emerge como um espaço privilegiado para explorar essas questões, problematizando os impactos da tecnologia sobre a experiência humana. No centro dessas discussões está a dialética entre *logos*—associado à racionalidade, ao cálculo e ao controle—e *pathos*—vinculado à subjetividade, ao afeto e às emoções. Esse binômio, amplamente debatido desde a retórica clássica, encontra novas manifestações nas produções audiovisuais contemporâneas, que fazem uso de recursos estéticos e narrativos para refletir sobre os desafios éticos, sociais e políticos da era digital.

A série brasileira *Onisciente* (2020), criada por Pedro Aguilera, insere-se nesse contexto ao retratar uma sociedade distópica onde drones monitoram continuamente a população, sustentando um sistema de vigilância supostamente infalível. A narrativa acompanha Nina (Carla Salle), uma funcionária da empresa responsável pelo monitoramento, cuja rotina racionalizada é abruptamente transformada quando seu pai é assassinado sem que o sistema registre o crime. A falha na lógica da onisciência tecnológica revela as limitações do controle racional e impulsiona a protagonista a desafiar o sistema, movida por um tensionamento constante entre sua racionalidade investigativa e sua motivação emocional. Nesse embate, *logos* e *pathos* se entrecruzam na construção da narrativa, expondo os limites da tecnologia e as complexidades da experiência humana diante da vigilância.

A relação entre razão e emoção, contudo, não se manifesta apenas na construção dramática, mas também na própria estética da série, que mobiliza estratégias visuais para intensificar essa dialética. Jacques Rancière (2009) argumenta que a estética não se restringe à dimensão do belo ou do estilizado, mas organiza aquilo que é visível e dizível dentro de um

determinado regime sensível. Em *Onisciente*, essa lógica se traduz na predominância de paletas de cores frias, enquadramentos simétricos e planos aéreos que reforçam a ideia de controle e neutralidade, compondo um universo visual que enfatiza a racionalidade do sistema de vigilância. Em contrapartida, momentos de introspecção da protagonista são caracterizados por tonalidades mais quentes, planos fechados e uma iluminação diferenciada, evidenciando a dimensão emocional e subjetiva que escapa à lógica do monitoramento. A alternância entre esses regimes visuais traduz esteticamente o embate entre o aparato tecnológico e as forças humanas que resistem ao controle.

Esse jogo estético não é neutro; ele se insere em uma problematização mais ampla sobre os usos da tecnologia no controle social e na gestão das subjetividades. O olhar vigilante dos drones, que paira sobre a cidade em uma perspectiva quase divina, reforça a assimetria entre aqueles que detêm o poder de ver e aqueles que são permanentemente observados. Como Rancière (2009) destaca, a distribuição do visível não apenas organiza a experiência estética, mas define quem pode agir, falar e ser ouvido em um determinado contexto político. Em *Onisciente*, essa lógica se manifesta na opacidade do próprio sistema: enquanto os drones monitoram a população, a protagonista se depara com obstáculos para acessar as gravações que poderiam elucidar o assassinato de seu pai, evidenciando a seletividade do que é registrado e do que permanece invisível. O aparato tecnológico, ao invés de garantir transparência, impõe um regime de controle que exclui determinados sujeitos da possibilidade de agência.

Essa articulação entre estética e política insere *Onisciente* em um campo de debate próprio à ficção científica latino-americana, que frequentemente questiona as promessas de neutralidade da tecnologia e suas implicações sociais. Luís Nogueira (2010) argumenta que a ficção científica combina rigor factual e especulação criativa, funcionando como um espaço para interrogar as consequências da racionalidade instrumental sobre a sociedade. No contexto latino-americano, onde as desigualdades estruturais e a desconfiança nas instituições frequentemente se cruzam com a expansão de tecnologias de vigilância, a série ressoa com dilemas contemporâneos sobre segurança, autonomia e controle. Diferente de produções que representam a tecnologia como uma ferramenta absoluta de progresso ou destruição, *Onisciente* constrói uma abordagem mais ambígua, evidenciando não apenas o poder do monitoramento, mas também suas falhas e contradições.

Este artigo propõe uma análise do episódio piloto de *Onisciente* (2020), investigando como a dialética entre *logos* (razão tecnológica) e *pathos* (emoção humana) se articula estéticamente e narrativamente. Para tanto, dialoga com três eixos teóricos interconectados: (1) as reflexões sobre experiência sensível e política do visível em Rancière (2009), que fundamentam a análise dos regimes de vigilância na série; (2) os estudos de Parret (1997) sobre a negativação do *pathos* e de Shusterman (2012) acerca da corporeidade como resistência, essenciais para entender a representação da protagonista Nina; e (3) as contribuições de Mercado (2011) sobre linguagem cinematográfica, que instrumentalizam a leitura técnica das escolhas visuais da série. Complementam essa base as discussões de Hanich (2010, 2018) sobre emoção compartilhada e de Nogueira (2010) sobre ficção científica como crítica social, contextualizando a obra no cenário audiovisual latino-americano.

Dessa forma, o estudo se organiza em três eixos principais: (i) a direção de fotografia e o design visual, que confrontam a relação entre vigilância e subjetividade por meio de contrastes cromáticos e compostivos; (ii) a estrutura narrativa, que explora as ambiguidades éticas e os limites do controle tecnológico; e (iii) a recepção do público, analisando como os recursos estéticos e discursivos da série moldam a experiência sensorial e cognitiva da trama. Ao articular essas dimensões, busca-se demonstrar como *Onisciente* se insere em um contexto mais amplo de debates sobre tecnologia, vigilância e a luta entre razão e emoção no audiovisual contemporâneo, evidenciando como a estética pode ser mobilizada como um campo de disputa política e simbólica.

Tecnologia e emoção: tensionamentos no audiovisual

A relação entre razão (*logos*) e emoção (*pathos*) é central na tradição filosófica e estética, sendo debatida desde a retórica clássica grega. Aristóteles (2005), em *Arte Retórica*, diferenciou *logos*, associado à lógica e à argumentação racional, de *pathos*, vinculado à capacidade de evocar emoções. Historicamente, esses conceitos foram tratados como opostos, com a razão frequentemente ocupando uma posição de supremacia sobre a emoção. No entanto, abordagens contemporâneas questionam essa hierarquização, propondo uma relação dialética e interdependente, especialmente no campo da estética audiovisual.

Herman Parret (1997, p.107) em seu livro *A estética da comunicação: além da pragmática*, coloca isso de forma bem clara, localizando o que é da ordem do *pathos* à negativação:

[...] o *pathos*, em sua relação de tensão como o *logos*, sempre ficou em segundo lugar – nossa tradição intelectual identifica quase automaticamente o *pathos* ao patético e ao patológico. É uma história muito antiga: a paixão para os gregos é frenesi, morbidez e perturbação. [...] *Pathein* conota dor e a desgraça, o sofrimento e a doença. *Pathos* predica a morte, a loucura, a obscuridade, o caos, a desarmonia, o submundo, a variabilidade, a diferenciação e o indistinto, enquanto o campo do *logos* é aquele da razão, da vida, da claridade, do cosmo, da harmonia, do celestial, universalidade, da regularidade e da distinção.

Richard Shusterman (2012), em sua abordagem pragmatista e somaestética, propõe integrar razão e emoção por meio da centralidade do corpo na experiência estética. Ele argumenta que a dualidade entre mente e corpo é uma construção cultural que pode ser superada ao reconhecer o corpo como mediador entre as sensações e o raciocínio. Nesse sentido, o corpo atua como ponto de partida para a interação entre *logos* e *pathos*, permitindo uma vivência sensorial que dá suporte à interpretação do mundo.

Julian Hanich (2010) destaca a importância da experiência estética, especialmente no cinema, como uma forma de obter experiências vividas no corpo e no tempo. Segundo ele, filmes criam uma experiência coletiva de emoção compartilhada, em que *pathos* engaja o público e atribui profundidade aos significados. Assim, a emoção não é percebida como o oposto da razão, mas como parte essencial do processo interpretativo e da criação de sentido.

O gênero da ficção científica, por sua vez, oferece um campo privilegiado para investigar a articulação entre *logos* e *pathos*. Luís Nogueira (2010) observa que a ficção científica combina rigor factual com liberdade especulativa, o que permite explorar os limites da racionalidade tecnológica e suas implicações humanas. Segundo o autor, o gênero é caracterizado por uma "assumpção de um constrangimento criativo fundamental" (NOGUEIRA, 2010, p.28), em que a especulação ficcional deve estar ancorada em premissas científicas plausíveis e desenvolver-se logicamente a partir delas. Essa base epistemológica, portanto, aproxima o gênero da tensão entre *logos* e *pathos*, pois combina a argumentação racional necessária à plausibilidade científica com a capacidade de evocar o estranhamento e a emoção por meio de suas narrativas.

No caso analisado, o sistema de vigilância tecnológica é apresentado como um mecanismo racional que promete segurança e ordem absolutas. Porém, à medida que a história se desenvolve, surgem dilemas éticos e emocionais que questionam sua eficácia. A jornada de Nina, impulsionada pelo luto e pela busca por justiça, evidencia como soluções tecnológicas podem ser insuficientes para compreender as complexidades humanas.

Do ponto de vista visual, a produção reforça a tensão entre razão e emoção com escolhas estéticas que contrastam o controle racional e a vulnerabilidade humana. Tons frios e planos aéreos dos drones sugerem um sistema de vigilância impessoal e dominante, enquanto momentos de introspecção da protagonista utilizam tons quentes e enquadramentos fechados para realçar sua dimensão emocional. Esses recursos criam um envolvimento sensorial que aprofunda a reflexão sobre as questões abordadas.

A ficção científica latino-americana, como exemplificado nessa obra, carrega especificidades culturais que ampliam o debate sobre tecnologia e emoção. Em contextos marcados por desigualdades sociais e desconfiança nas instituições, as narrativas do gênero frequentemente refletem como a tecnologia pode acentuar ou mitigar vulnerabilidades humanas. Nesse sentido, a obra analisada articula essas dimensões de maneira a engajar intelecto e emoção, ao mesmo tempo em que promove uma reflexão crítica sobre as implicações éticas e sociais da tecnologia.

A construção do universo narrativo de *Onisciente*

Lançada em 2020, *Onisciente* surgiu como parte de uma tendência de expansão da ficção científica no audiovisual brasileiro, impulsionada pelo sucesso internacional de 3%, também criada por Pedro Aguilera, a primeira série brasileira original da Netflix. Enquanto 3% conseguiu atrair uma audiência global e se desdobrou em quatro temporadas, *Onisciente* teve um destino diferente, sendo descontinuada após sua primeira temporada. O cancelamento, ocorrido sem um encerramento narrativo, pode ser analisado a partir de diferentes perspectivas. A pandemia de COVID-19, que impactou diretamente as produções audiovisuais, afetou a continuidade de diversos projetos, interrompendo gravações e alterando estratégias de distribuição. Além disso, o mercado de *streaming*, ainda em fase de

consolidação no Brasil, nem sempre garante a longevidade de produções que fogem dos gêneros mais convencionais de grande apelo comercial. O fim prematuro da série reflete, assim, não apenas os desafios estruturais da indústria audiovisual latino-americana, mas também as incertezas inerentes à recepção do gênero *sci-fi* no país. Ao não ter continuidade, a série deixa em aberto as discussões que propunha, ampliando a sensação de instabilidade e incerteza que permeia sua narrativa. Assim, *Onisciente* não apenas tematiza os dilemas entre controle e falibilidade, mas se torna, por sua própria trajetória, um caso simbólico dessas contradições.

A construção estética da série reforça essas tensões entre *logos* e *pathos*, utilizando paletas de cores frias, enquadramentos simétricos e planos aéreos para representar a onipresença do sistema de vigilância. Em contraponto, momentos de introspecção e luto da protagonista se destacam por iluminação mais quente e uma câmera mais próxima, enfatizando o impacto emocional dos eventos.

A ambientação é marcada por uma estética minimalista, que reflete o controle e a racionalidade do sistema de vigilância. Os cenários predominantemente urbanos são organizados de forma simétrica e impessoal, reforçando a ideia de um ambiente tecnocrático onde a ordem sobrepuja a individualidade. A paleta cromática dominada por tons frios, como azul e cinza, evoca uma sensação de distanciamento e controle. Esses elementos visuais são enriquecidos por uma trilha sonora discreta, mas tensa, que intensifica a atmosfera de vigilância ininterrupta.

A proposta temática explora a relação entre tecnologia e poder, questionando as implicações éticas e sociais de um monitoramento onipresente. Embora o sistema de drones seja apresentado como uma solução para problemas como criminalidade e corrupção, suas fragilidades são gradualmente reveladas, expondo o impacto da vigilância nas relações humanas, na privacidade e nas emoções. Essa abordagem desafia a suposta racionalidade e infalibilidade tecnológica, evidenciando conflitos entre razão (*logos*) e emoção (*pathos*) que permeiam a narrativa.

A trama inicia-se apresentando o sistema distópico e os principais conflitos que conduzem a história. Nina, uma jovem funcionária da empresa responsável pelos drones, inicialmente aceita as normas do sistema. Contudo, sua perspectiva muda drasticamente ao descobrir que seu pai foi assassinado, mesmo sob o alcance da vigilância. Este evento

traumático se torna o ponto de partida para a narrativa, levando a protagonista a investigar o crime e desafiar a lógica do sistema, movida por emoções como luto, raiva e determinação.

A jornada de Nina reflete a tensão entre a racionalidade tecnológica e as complexidades emocionais. Enquanto os drones e os espaços urbanos se relacionam à ideia de controle racional, as cenas que retratam sua vulnerabilidade e contradições morais, destacando a dimensão emocional da narrativa. Essa dualidade é evidenciada em aspectos visuais, como a iluminação contrastante e os enquadramentos que ora destacam a opressão do sistema, ora aproximam o espectador da protagonista.

Além disso, as interações de Nina com seus colegas e superiores destacam a desumanização promovida por um sistema que prioriza eficiência em detrimento da empatia. A narrativa também aborda dilemas éticos enfrentados por personagens que questionam a legitimidade do sistema de vigilância, ressaltando as complexidades morais de viver sob um controle tão absoluto.

A obra problematiza a dependência de tecnologias de vigilância e suas consequências sociais e emocionais. Em vez de funcionar como uma solução neutra para questões humanas, o monitoramento constante reforça dinâmicas de poder desiguais, alienando os indivíduos e desumanizando as interações sociais. Esse enfoque adquire profundidade adicional ao considerar o contexto latino-americano, onde desigualdades sociais e desconfiança nas instituições moldam percepções sobre tecnologia.

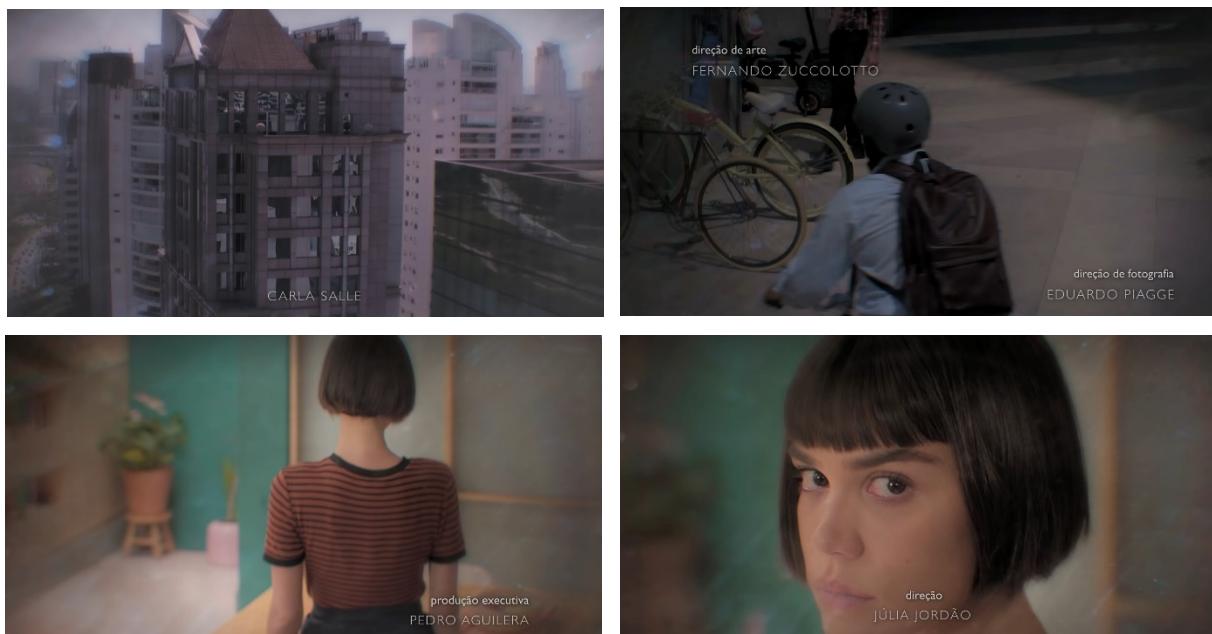
Estética e narrativa no episódio piloto

A análise do piloto destaca como os elementos estéticos e narrativos se entrelaçam para explorar a tensão entre os conceitos aqui contrapostos. A direção de fotografia, os enquadramentos, a paleta cromática e os movimentos de câmera estruturam um universo visualmente coeso, enquanto a narrativa aborda dilemas éticos e emocionais que questionam a lógica do sistema de vigilância. Esses recursos propõem uma experiência estética e intelectual que incentiva reflexões sobre as implicações sociais e éticas da tecnologia.

A escolha predominante por tons frios, como azul e cinza, pode ser relacionada ao distanciamento e ao controle frequentemente atribuídos à racionalidade tecnológica. Em

oposição, tons quentes, como amarelo e laranja, aparecem em momentos emocionalmente intensos, como quando Nina reflete sobre a morte do pai, sugerindo vulnerabilidade e luto. A iluminação colabora para essa oposição, com luzes artificiais prevalecendo nos espaços monitorados, enquanto luz natural surge em situações de introspecção e emoções mais profundas.

A vinheta de entrada (Figuras 1 a 4) constrói-se através de planos aéreos da cidade em tons azulados, com cortes que alternam entre *travelling shots* acompanhando cidadãos em atividades cotidianas. Notam-se sutis *flares* – artefatos ópticos causados pela reflexão da luz nas lentes –, recurso cinematográfico que explicita o olhar mecânico do sistema de vigilância. Essa escolha estética reforça a mediação tecnológica da observação, diferenciando-a de um olhar humano. O contraste visual se acentua com a introdução de Nina: sua figura é



Figuras 1 a 4 - Vinheta de entrada de *Onisciente*

Fonte: Print de tela da série *Onisciente* (2020)

marcada por uma paleta quente – vermelhos, laranjas e tons terrosos no figurino –, rompendo com a frieza cromática dominante. A câmera se aproxima e ela olha diretamente para a lente, estabelecendo uma relação ambígua entre vigilância e protagonismo.

A escolha de enquadramento que coloca Nina olhando diretamente para a câmera estabelece um efeito de subjetividade que, segundo Mercado (2010), transforma o espectador em um participante ativo da narrativa. Como destaca o autor, "a tomada subjetiva é a mais rigorosa visualização cinematográfica de uma perspectiva em primeira pessoa"

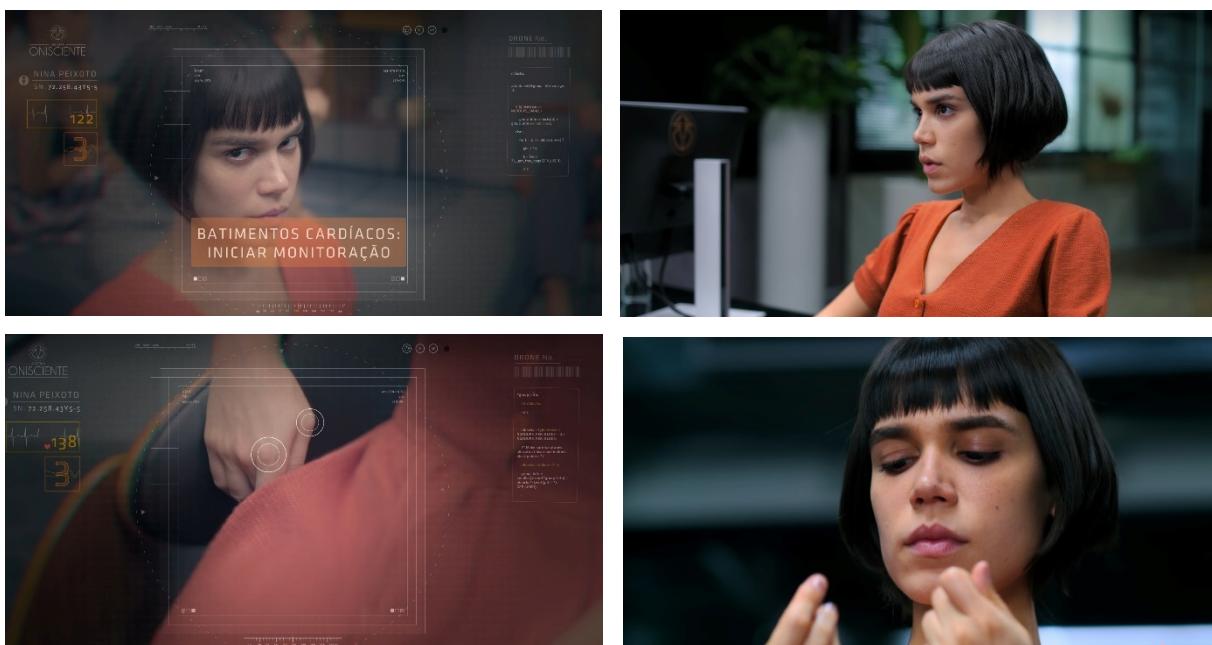
(Mercado, 2010, p. 99), permitindo que o público enxergue os eventos como se estivesse na posição da personagem. Esse recurso rompe com a experiência tradicional do cinema, na qual o espectador assume o papel de observador passivo. Além disso, ao eliminar reações externas que contextualizem o estado emocional da personagem, o olhar direto para a câmera introduz uma ambiguidade narrativa, dificultando a identificação do público com Nina de maneira convencional.

Esse jogo de perspectivas se intensifica com a presença do drone, que opera como um observador onisciente e impessoal. Enquanto o olhar de Nina para a câmera cria proximidade e subjetividade, o drone mantém uma visão objetiva e fria, reforçando seu papel como um dispositivo de vigilância. Diferente da interação direta que ocorre na tomada subjetiva, o drone nunca estabelece um vínculo com os personagens, consolidando sua posição como um mecanismo de controle e distanciamento. Essa alternância entre a perspectiva subjetiva de Nina e a imparcialidade do drone constrói uma tensão narrativa fundamental para a série, evidenciando a dualidade entre autonomia e vigilância.

O drone, ao adotar planos aéreos rígidos e distantes, opera como um olhar onisciente e impessoal, reafirmando o domínio do sistema sobre os cidadãos. Já a câmera de mão, com seus movimentos instáveis e planos fechados, mergulha na subjetividade de Nina, destacando sua vulnerabilidade e resistência. A relação entre essas perspectivas se intensifica nos momentos em que o drone acompanha Nina de perto, observando suas reações e monitorando seus sinais de tensão. Nesse sentido, sua presença não apenas documenta, mas também atua como um agente da narrativa, ampliando a sensação de opressão e reforçando a dicotomia entre um olhar frio e mecanizado e a experiência sensível da protagonista.

A cena em que Nina tenta obter as digitais da caneta do dono da empresa, para que possa se infiltrar e obter as informações sobre a morte de seu pai, é um bom exemplo da dinâmica em questão. A sequência é construída através de uma montagem precisa que alterna entre três elementos-chave (Figuras 5 a 8): os close-ups das mãos de Nina, os planos médios que revelam sua postura tensa, e os ângulos do drone que captam seus movimentos suspeitos. Essa transformação do corpo emocionado em objeto de suspeita exemplifica o que Parret (1997) identifica como a negativação do *pathos*: o que deveria ser expressão legítima da experiência humana é convertido em anomalia a ser controlada. O sistema, fundamentado

na primazia do *logos*, interpreta essas manifestações corporais não como marcas de subjetividade, mas como desvios que ameaçam sua ordem racional.



Figuras 5 a 8 - Nina cometendo infração
Fonte: Print de tela da série *Onisciente* (2020)

Deste modo, toda composição estética em torno dos drones apresentam características que os vinculam ao controle racional exercido pelo sistema. Sua posição elevada nos planos, frequentemente acima dos personagens, está associada a um ponto de vista distante e imparcial, que corresponde à lógica tecnológica idealizada, mas também à sua soberania. Também chamado de Plano *Plongée* ou *God's Eye View*, esse enquadramento é frequentemente utilizado para transmitir uma ideia de superioridade e poder. Como observa Mercado (2011, p. 129), “os planos aéreos mostram os personagens e sua área imediata diretamente de cima, resultando em uma perspectiva estilizada e visualmente cativante. [...] Mais comumente, os planos aéreos são usados para visualizar momentos da história em que os personagens se encontram no ponto mais baixo de suas vidas, seja emocional, psicológico ou fisicamente”. Assim, a posição do drone não apenas reforça o domínio do sistema sobre os indivíduos, mas também acentua a fragilidade de Nina diante da estrutura que a observa e controla.

O sistema de vigilância, projetado para monitorar todas as ações dos cidadãos, pode ser relacionado à ideia de controle totalitário. Embora prometa segurança e ordem, suas

fallas demonstram limitações técnicas e éticas. A incapacidade de evitar o assassinato do pai de Nina levanta questões sobre liberdade e privacidade, apontando para um modelo que privilegia processos padronizados em detrimento das experiências humanas. Esse distanciamento da dimensão sensorial e emocional reforça o que Shusterman (2012) enfatiza ao destacar a importância da experiência estética e corporal para a compreensão do mundo. Enquanto o sistema opera a partir de uma lógica formal e estruturada, a subjetividade humana resiste por meio das emoções, dos gestos e da materialidade do corpo, tensionando a aparente infalibilidade da tecnologia.

A trajetória de Nina evidencia a tensão entre obediência às normas e resistência emocional. Movida pelo luto e pela indignação, porém tendo de esconder esses sentimentos, ela desafia a lógica que sustenta o sistema, revelando suas falhas éticas e morais. Sua jornada dialoga com as reflexões de Julian Hanich (2018), que argumenta que as emoções compartilhadas entre personagens e público desempenham um papel central na construção da experiência estética.

A experiência emocional da protagonista, ao ser compartilhada com o espectador, intensifica o envolvimento sensorial e cognitivo na narrativa. Como observa Hanich (2018), o cinema possui uma capacidade singular de criar experiências coletivas de emoção compartilhada, aspecto que se manifesta claramente na relação entre o público e a personagem Nina. Seu sofrimento não apenas direciona a trama, mas também estabelece uma poderosa imersão empática, transformando a identificação do espectador em um mecanismo ativo de participação.

Essa conexão é construída através de cuidadosas escolhas estilísticas. Mercado (2011) destaca a eficácia dos planos sobre o ombro (OTS – *Over the shoulder*) (Figura 9), que permitem uma dupla articulação: enquanto aproximam o espectador das emoções do personagem em foco, mantêm "um senso de proximidade física com o outro personagem na cena" (p. 87). Os ângulos frontais são particularmente reveladores, pois capturam com maior intensidade as microexpressões faciais que transmitem os estados emocionais. Como aponta o autor, "o ângulo quase completamente frontal permite que o público visualize cada nuance

de comportamento e emoção" (MERCADO, 2011, p. 89), efeito que seria comprometido em enquadramentos laterais.

A composição visual complementa essa estratégia através de dois recursos principais.



Figuras 9 - Plano OTS evidenciando o rosto de Nina
Fonte: Print de tela da série *Onisciente* (2020)

O desfoque seletivo do fundo, técnica que direciona o olhar do espectador para as expressões faciais, e a equilibrada distribuição dos personagens no quadro, que pode sugerir relações emocionais mais complexas. Mercado (2011, p.89) observa que, embora tradicionalmente o personagem de costas ocupe menor espaço, variações nessa proporção podem "visualizar a conexão emocional desenvolvida entre eles".

Os primeiros planos merecem atenção especial na construção dessa experiência emocional. Estes transcendem a mera exibição de sentimentos, revelando a singularidade da vivência emocional de cada personagem. Essa proximidade extrema cria uma intimidade que mobiliza profundamente o espectador, fazendo-o "importar-se, empatizar, amar e até odiar" (Mercado, 2011, p. 49) os personagens. Funcionando como verdadeiras janelas para a psique das personagens, esses enquadramentos eliminam distrações para focar na essência da performance dramática.

A articulação entre esses elementos visuais e a estrutura narrativa transforma a experiência estética em um potente dispositivo crítico. Ao vincular a jornada de resistência da protagonista às respostas emocionais do público, a série ultrapassa os limites da ficção, propondo uma reflexão sobre a condição humana em sociedades de controle tecnológico.

Cada escolha compositiva - desde o posicionamento da câmera até a distribuição dos elementos no quadro - reforça a tensão fundamental entre os mecanismos opressivos do sistema e a irredutível subjetividade humana.

Além das questões individuais, a narrativa levanta debates mais amplos sobre os limites da tecnologia na vida cotidiana. A dependência crescente de sistemas de controle é questionada, apontando os riscos de priorizar eficiência à custa da empatia. Luís Nogueira (2010) observa que a ficção científica frequentemente explora as implicações humanas e éticas da racionalidade tecnológica, trazendo à tona questões como as abordadas na trama.

Ao situar-se no contexto latino-americano, a produção conecta os dilemas tecnológicos às especificidades regionais marcadas por profundas assimetrias sociais e histórica desconfiança nos aparatos estatais. Na região, onde sistemas de vigilância frequentemente se sobrepõem a estruturas de desigualdade consolidada – como o acesso diferenciado à justiça e a direitos básicos –, a tecnologia opera como amplificador de hierarquias sociais pré-existentes. O caso brasileiro é particularmente emblemático: enquanto a vigilância se intensifica em centros urbanos através de câmeras e reconhecimento facial, sua implementação reproduz padrões seletivos de monitoramento que recaem desproporcionalmente sobre populações periféricas. Nesse cenário, como demonstra a série, as promessas de neutralidade tecnológica esbarram numa realidade onde o controle se mostra intrinsecamente político - não como ferramenta de segurança coletiva, mas como mecanismo de gestão diferencial de corpos e territórios. A protagonista emerge como um elemento que coloca em conflito as dinâmicas tecnológicas e suas consequências humanas.

Razão e emoção como estruturas de crítica social

Uma das principais problematizações apresentadas na narrativa está na oposição entre a lógica do controle tecnológico e a complexidade emocional das experiências humanas. A vigilância, representada pelos drones, reflete uma razão instrumental que busca impor previsibilidade e eliminar incertezas. Contudo, a falha do sistema ao proteger o pai da protagonista revela as limitações dessa lógica, expondo como a tecnologia, ao desconsiderar as emoções e os contextos subjetivos, é insuficiente para atender às demandas humanas.

Conforme argumenta Richard Shusterman (2012), a integração das emoções e da experiência somática é essencial para compreender as relações humanas com o mundo, algo que o sistema falha em considerar. Segundo o autor,

[...] distinguimos claramente entre um instrumento e aquele que o usa, entre ferramenta e agente; assim, se o corpo é nosso instrumento ou nossa ferramenta (por mais íntimo e indispensável que seja), então ele deve ser totalmente diferente do eu que utiliza, do qual não deve ser mais, portanto, que um meio externo. (SHUSTERMAN, 2012, p. 30-31)

O sistema de monitoramento na narrativa, ao ignorar esse aspecto e operar apenas com base em dados objetivos, revela uma falha estrutural: ele não comprehende o comportamento humano em sua totalidade, pois desconsidera os impulsos sensoriais e emocionais que orientam as decisões individuais. Dessa forma, a tecnologia que pretende ser onisciente acaba sendo incapaz de interpretar nuances essenciais da subjetividade, reforçando a tensão entre *logos* e *pathos*.

Além disso, a protagonista Nina, ao desafiar a lógica da vigilância, reafirma a importância da consciência corporal como meio de resistência ao controle tecnológico. Como aponta Shusterman (2012, p. 31),

[...] a ideia do corpo enquanto instrumento externo usado pelo eu pode ser traduzida facilmente pela conhecida imagem do corpo enquanto servo ou instrumento da alma. Isso promove mais ainda a identificação pejorativa do somático com as classes servis dominadas (que incluem as mulheres), uma associação que reforça reciprocamente o status subordinado e o desrespeito por todos os termos associados.

Essa perspectiva reforça a crítica presente na narrativa, pois o sistema de drones trata os corpos monitorados como meros objetos a serem administrados, desconsiderando sua autonomia e agência. A jornada da protagonista pode ser vista sob essa ótica: ao experimentar o luto e a indignação de maneira visceral, seu corpo torna-se um canal de resistência contra a racionalidade fria do sistema. A fisicalidade de suas ações — desde sua expressão facial nos momentos de angústia até suas movimentações tensas ao desafiar o sistema, como correr, esgueirar-se, andar de bicicleta, quebrar objetos e esconder pertences nos bolsos — sugere um embate direto entre uma tecnologia desprovida de sensibilidade e a corporeidade como forma de insurgência. Assim, a vigilância total ignora a dimensão encarnada da existência, tornando-se incapaz de prever ou conter plenamente a complexidade humana.

A narrativa também levanta a questão de como a dependência de tecnologias de vigilância impacta as relações sociais e os valores éticos. Isleide Fontenelle (2017) aponta que, na cultura de consumo contemporânea, as emoções são frequentemente instrumentalizadas e moldadas por sistemas que buscam eficiência em detrimento da singularidade e da autonomia. Esse processo é evidente na forma como a trama mostra o sistema de vigilância priorizando métricas de controle, enquanto negligencia as implicações humanas de suas falhas.

A instrumentalização das emoções no contexto tecnológico discutida por Fontenelle (2017) evidencia como os sistemas de vigilância operam a partir de uma lógica que transforma experiências subjetivas em dados quantificáveis. Esse processo gera um modelo de controle que não reconhece as emoções como elementos constitutivos da identidade e da autonomia, mas como variáveis a serem administradas para manter a ordem e a previsibilidade. Na narrativa, essa lógica se manifesta no modo como o sistema de drones não apenas observa, mas também regula e metrifica a vida dos cidadãos, impondo um regime no qual qualquer desvio emocional pode ser interpretado como uma anomalia a ser corrigida. A redução da subjetividade a um conjunto de padrões previsíveis reflete o que Fontenelle (2017, p.181) descreve como um fenômeno em que “de todas as características atribuídas à constituição desse indivíduo moderno — razão, autonomia, liberdade de escolha — nenhuma foi tão fundamental para a produção do consumidor do que a ideia das paixões como necessárias ao bem-estar geral”. Assim, a experiência humana se torna funcional ao próprio sistema de controle, eliminando a incerteza inerente às relações sociais.

Essa lógica de vigilância, além de desconsiderar as emoções como parte essencial da experiência humana, contribui para a normalização do controle social e para a crescente aceitação de dispositivos de monitoramento como elementos naturais da vida cotidiana. Como aponta Fontenelle (2017, p.191), a modernidade impôs um trade-off entre pulsões e aculturação, estabelecendo uma sociedade na qual “o mal-estar recorrente da renúncia e repressão das paixões” tornou-se uma característica central. A série ilustra esse fenômeno ao mostrar como os personagens aceitam o monitoramento contínuo como um preço inevitável pela segurança, mesmo diante das falhas evidentes do sistema. O paradoxo da dependência tecnológica torna-se claro: quanto mais os indivíduos delegam às tecnologias a responsabilidade pela organização social e proteção, mais vulneráveis se tornam à

incapacidade dessas mesmas estruturas de lidar com os aspectos imprevisíveis da existência humana, como o luto, a indignação e a busca por justiça. A obra sugere que a relação entre vigilância e emoções não se trata apenas de um embate entre razão e sensibilidade, mas de uma disputa sobre o significado da subjetividade em um contexto onde a tecnologia se posiciona como mediadora da experiência humana.

Estética e política

Jacques Rancière (2009) destaca o papel do sensível na construção do político, sugerindo que as cores e os enquadramentos criam divisões visíveis que articulam os conflitos éticos e emocionais na trama. Como aponta o autor:

Denomino partilha do sensível o sistema de evidências sensíveis que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Uma partilha do sensível fixa, portanto, ao mesmo tempo, um comum partilhado e partes exclusivas. (RANCIÈRE, 2009, p. 15).

Rancière (2009) argumenta que a partilha do sensível define não apenas o que pode ser visto e ouvido, mas também quem pode ser reconhecido como agente político e qual discurso pode ser legitimado. Na narrativa de *Onisciente*, essa lógica se manifesta na oposição entre os espaços controlados pela vigilância tecnológica e aqueles que escapam ao seu alcance. A onipresença dos drones estabelece um regime visual que determina quais ações são registradas e quais permanecem invisíveis, evidenciando uma organização sensível que distingue aqueles que operam dentro da lógica do sistema e aqueles que desafiam sua autoridade. Dessa forma, a construção estética da obra reforça a crítica à vigilância ao revelar que a tecnologia não apenas monitora, mas também regula e hierarquiza as formas de existência.

Além disso, a organização dos enquadramentos na série estabelece um sistema visual que reflete a lógica da vigilância e da partilha do sensível. A perspectiva dos drones define o que pode ser visto, impondo um padrão estético específico que delimita o espaço monitorado e condiciona a experiência dos personagens e do espectador. Essas imagens são marcadas por planos aéreos, ângulos fixos e uma estética impessoal que sugere um olhar neutro e objetivo,

mas cujo acesso é mediado pela empresa responsável pelo sistema de vigilância. A protagonista, ao tentar recuperar as gravações para entender o assassinato do pai, enfrenta a opacidade desse sistema, evidenciando que a visibilidade é regulada pelo próprio aparato de controle.

Como aponta Rancière (2009, p. 15), a partilha do sensível “se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade e que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha”. A estrutura narrativa destaca essa assimetria, revelando que o acesso à informação não é universal, mas condicionado pela posição do indivíduo dentro do sistema. O jogo entre os enquadramentos dos drones e os momentos em que Nina tenta subverter essa lógica visual traduz, esteticamente, a tensão entre o controle tecnológico e a resistência humana, reforçando a crítica à vigilância como um mecanismo que não apenas monitora, mas também regula quem pode ver e ser visto.

Ao situar-se em um contexto marcado por desigualdades sociais, a trama questiona as promessas de neutralidade da tecnologia. Na América Latina, sistemas de vigilância frequentemente reforçam estruturas de poder desiguais e amplificam dinâmicas de exclusão - como ocorre com o uso seletivo de reconhecimento facial nas periferias urbanas, onde a tecnologia é aplicada prioritariamente para controle criminal, mas não para garantir direitos básicos ou serviços públicos. Como observa Luís Nogueira (2010), a ficção científica é um espaço fértil para abordar essas contradições, especialmente em contextos onde a vigilância, longe de ser neutra, opera como ferramenta de opressão que naturaliza hierarquias sociais.

A construção visual e narrativa da série se insere dentro das convenções da ficção científica, um gênero que, como aponta Nogueira (2010, p. 211), “se estrutura a partir de uma tensão entre rigor factual e liberdade especulativa”. Esse equilíbrio se reflete no uso dos enquadramentos e no design da vigilância tecnológica na obra. A perspectiva dos drones, predominante em diversos momentos da narrativa, estabelece uma estética marcada por planos aéreos fixos e movimentos calculados, que reforçam a ideia de um olhar neutro e absoluto sobre a sociedade. Entretanto, essa neutralidade é questionada quando a protagonista busca acessar as gravações do sistema e se depara com mecanismos que impedem o livre acesso à informação. Assim, a série problematiza a relação entre quem detém

o controle das imagens e quem está submetido a esse regime de visibilidade, uma questão essencial dentro da estética da vigilância.

A alternância entre diferentes tipos de enquadramento também estrutura a tensão entre controle e resistência. Enquanto os planos associados aos drones reforçam um olhar distante e impersonal, os momentos em que Nina desafia o sistema são acompanhados por enquadramentos mais instáveis e closes fechados, criando um contraste visual que evidencia a tentativa de insurgência contra a lógica imposta. Nogueira (2010, p. 214) observa que "a ficção científica frequentemente utiliza esses contrastes para explorar a relação entre a tecnologia e a humanidade, questionando não apenas os impactos da ciência na sociedade, mas também os limites da autonomia individual". Esse mecanismo narrativo reforça a crítica ao determinismo tecnológico, evidenciando as fragilidades do sistema de vigilância ao mesmo tempo em que destaca a agência da protagonista dentro desse universo controlado.

A experiência estética da obra também se configura como um espaço de recepção ativa, no qual o público é levado a refletir sobre os efeitos da vigilância na vida cotidiana. Para Nogueira (2010, p. 220), "a ficção científica não apenas projeta futuros possíveis, mas funciona como uma arena para questionar as implicações éticas e sociais dos avanços tecnológicos". Ao articular uma estética que alterna entre uma visão distanciada e um registro mais subjetivo das emoções da protagonista, a narrativa convida o espectador a confrontar as dinâmicas de controle que atravessam o mundo contemporâneo. A organização visual da série, portanto, não apenas reforça a temática da vigilância, mas também se torna um elemento fundamental para problematizar os efeitos do monitoramento contínuo sobre a experiência sensível e sobre a própria noção de autonomia.

Considerações Finais

A análise do piloto de *Onisciente* evidencia como a estética audiovisual da série opera na articulação da tensão entre *logos* e *pathos*, estruturando visualmente a relação entre vigilância, subjetividade e resistência. Neste aspecto, a série oferece uma contribuição significativa aos estudos audiovisuais ao demonstrar como escolhas estéticas - desde a paleta cromática até os enquadramentos - não apenas ilustram, mas constituem relações de poder,

materializando o que Rancière (2009) identifica como a dimensão política inerente à organização do sensível. A construção imagética reforça a atmosfera de controle e disciplina, ao mesmo tempo em que denuncia as falhas e contradições de um sistema baseado na primazia da razão tecnológica. A predominância de paletas frias, enquadramentos simétricos e planos aéreos insere o espectador em uma lógica de ordenamento racional e distanciamento emocional. Em contrapartida, momentos de introspecção da protagonista são construídos por meio de enquadramentos fechados e iluminação quente, evidenciando as nuances afetivas que escapam à racionalidade técnica do sistema de monitoramento.

No entanto, a experiência estética da série não se limita à estilização da vigilância; ela se articula com dinâmicas políticas que definem quem pode ver e ser visto, quem detém o poder de observar e quem é submetido ao olhar tecnológico. Jacques Rancière (2009) argumenta que a estética não apenas estrutura a visibilidade, mas também delimita regimes de participação política. Em *Onisciente*, essa lógica se traduz na assimetria entre a onipresença dos drones e a inacessibilidade das informações a determinados personagens. Enquanto o sistema de monitoramento se apresenta como uma entidade neutra e objetiva, ele oculta seletivamente seus próprios erros, revelando uma estrutura de controle que não apenas vigia, mas regula o acesso ao sensível.

A fotografia, nesse sentido, atua como suporte narrativo e como um dispositivo crítico. A presença constante dos drones, enquadrados de ângulos elevados e movimentos controlados, reforça a ideia de uma vigilância absoluta, ao mesmo tempo em que evidencia a mecanização do olhar. A lógica de distanciamento se quebra quando a câmera se aproxima de Nina, tornando visível a falha da suposta neutralidade do sistema e a presença irreconciliável do elemento humano. A alternância entre proximidade e afastamento, controle e instabilidade, estrutura uma tensão visual que reflete o embate entre o aparato tecnológico e as emoções que ele busca administrar.

No contexto latino-americano, a série insere-se em uma tradição audiovisual que problematiza a relação entre tecnologia e poder a partir de dinâmicas socioculturais específicas. Diferente de produções ocidentais que frequentemente representam a tecnologia como um instrumento de dominação global, a série evidencia um sistema falível e permeável às contradições políticas e sociais. A promessa de um monitoramento infalível se desfaz diante de desigualdades institucionais e da seletividade do controle, ressoando com um cenário onde

vigilância e desigualdade são frequentemente interligadas. Como aponta Luís Nogueira (2010), a ficção científica combina rigor factual e especulação criativa, funcionando como um espaço de interrogação sobre as consequências da racionalidade instrumental. No contexto da América Latina, esse questionamento adquire novas camadas, pois os regimes de vigilância são historicamente associados a dinâmicas de exclusão e autoritarismo.

A estética da vigilância presente na obra dialoga com outras produções latino-americanas que exploram o impacto do controle visual sobre a subjetividade. Em *Cromo* (2015), a fotografia contrapõe a objetividade científica à dimensão humana por meio da iluminação e da composição dos planos. A *Cidade Onde Envelheço* (2016), por sua vez, trabalha um realismo sensorial que enfatiza as experiências subjetivas e afetivas de suas personagens. Já 3% (2016-2020) utiliza a fotografia como ferramenta discursiva para reforçar a oposição entre opressão e resistência. Assim como em *Onisciente*, a construção imagética dessas obras vai além da estilização e se estabelece como um elemento ativo na organização dos significados narrativos e políticos.

O efeito dessas escolhas estéticas se estende à recepção, moldando a experiência sensorial do espectador. O desconforto gerado pela rigidez compositiva, pela monotonia cromática e pelo uso recorrente de planos de vigilância reforça a sensação de opressão e artificialidade, criando um estranhamento que intensifica a imersão na lógica do sistema. A ruptura desse padrão em momentos de instabilidade emocional não apenas aproxima o público da protagonista, mas evidencia o colapso da suposta racionalidade objetiva da tecnologia. Dessa forma, a cinematografia de *Onisciente* insere-se em um debate mais amplo sobre a relação entre estética e discursividade na ficção científica.

A fotografia, ao reforçar a ambientação distópica, opera como um dispositivo de crítica, problematizando os limites da razão instrumental e do controle algorítmico sobre a experiência humana. A representação da vigilância como um aparato visualmente ordenado, mas estruturalmente falho, tensiona a crença na neutralidade da tecnologia, evidenciando sua natureza seletiva e excludente. Esse processo revela como a estética pode ser mobilizada como um espaço de disputa simbólica, no qual a experiência sensível do espectador se torna parte de uma reflexão mais ampla sobre poder, controle e resistência.

Ao explorar a interação entre *logos* e *pathos* por meio de escolhas visuais, a série exemplifica como a cinematografia pode ser mobilizada para questionar os limites do controle

e a possibilidade de resistência. A ficção científica latino-americana, apesar dos desafios de consolidação no mercado global, tem produzido abordagens inovadoras que articulam a materialidade da imagem como um campo de crítica política e cultural. A descontinuidade da série antes de um desfecho narrativo apenas reforça a imprevisibilidade de sua própria temática, ressoando com a incerteza que permeia sua narrativa e refletindo, em sua própria trajetória, as dificuldades de se estabelecer uma produção audiovisual que desconstrói os discursos dominantes sobre vigilância e poder.

Dessa forma, a análise proposta contribui para a ampliação das discussões sobre o papel da fotografia no audiovisual latino-americano, evidenciando sua capacidade de tensionar razão e emoção na organização da experiência estética. O estudo dessas interações permite aprofundar a compreensão da relação entre estética, narrativa e recepção, consolidando a cinematografia como um elemento central na produção de discursos visuais que interrogam as dinâmicas de poder e subjetividade no contexto contemporâneo. Ao posicionar a estética como um campo de disputa política, *Onisciente* exemplifica como a ficção científica pode funcionar não apenas como um espelho do presente, mas como uma arena de resistência simbólica e crítica às estruturas de controle que moldam o mundo contemporâneo.

Referências

- ARISTÓTELES. **Arte retórica**. Tradução de Manuel Alexandre Júnior. São Paulo: Edições 70, 2005.
- DEWEY, John. **Arte como Experiência**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- FONTENELLE, Isleide. **Cultura do consumo: fundamentos e formas contemporâneas**. Ed. FGV, Rio, 2017
- HANICH, Julian. **The Audience Effect: On the Collective Cinema Experience**. Edinburgh University Press, 2018.
- HANICH, Julian. **Cinematic Emotion in Horror Films and Thrillers: The Aesthetic Paradox of Pleasurable Fear**. Routledge, 2010.
- MERCADO, Gustavo. **The filmmaker's eye: learning (and breaking) the rules of cinematic composition**. Burlington: Focal Press, 2011.

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de Cinema II: Géneros Cinematográficos**. Covilhã: LabCom.IFP, 2010.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**: estética e política. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34, 2009.

SHUSTERMAN, Richard. **Consciência corporal**. Tradução de Pedro Sette-Câmara. Rio de Janeiro: E Realizações, 2012.

SIMMEL, George. **A metrópole e a vida mental**. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

PARRET, Herman. **A estética da comunicação**: além da pragmática. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

Referências audiovisuais

ONISCIENTE. Direção: Pedro Aguilera. São Paulo: Boutique Filmes, Netflix, 2020. 1 temporada, 6 episódios. Disponível em: <https://www.netflix.com>. Acesso em: 31 de janeiro de 2025.

3%. Direção: Pedro Aguilera. São Paulo: Boutique Filmes, Netflix, 2016-2020. 4 temporadas. Disponível em: <https://www.netflix.com>. Acesso em: 31 de janeiro de 2025.

CROMO. Direção: Lucía Puenzo, Nicolás Puenzo, Pablo Fendrik. Buenos Aires: Historias Cinematográficas, 2015. 1 temporada, 12 episódios.

A CIDADE ONDE ENVELHEÇO. Direção: Marília Rocha. Belo Horizonte: Anavilhana Filmes, 2016.

Recebido em 31/01/2025

Aceito em 14/04/2025